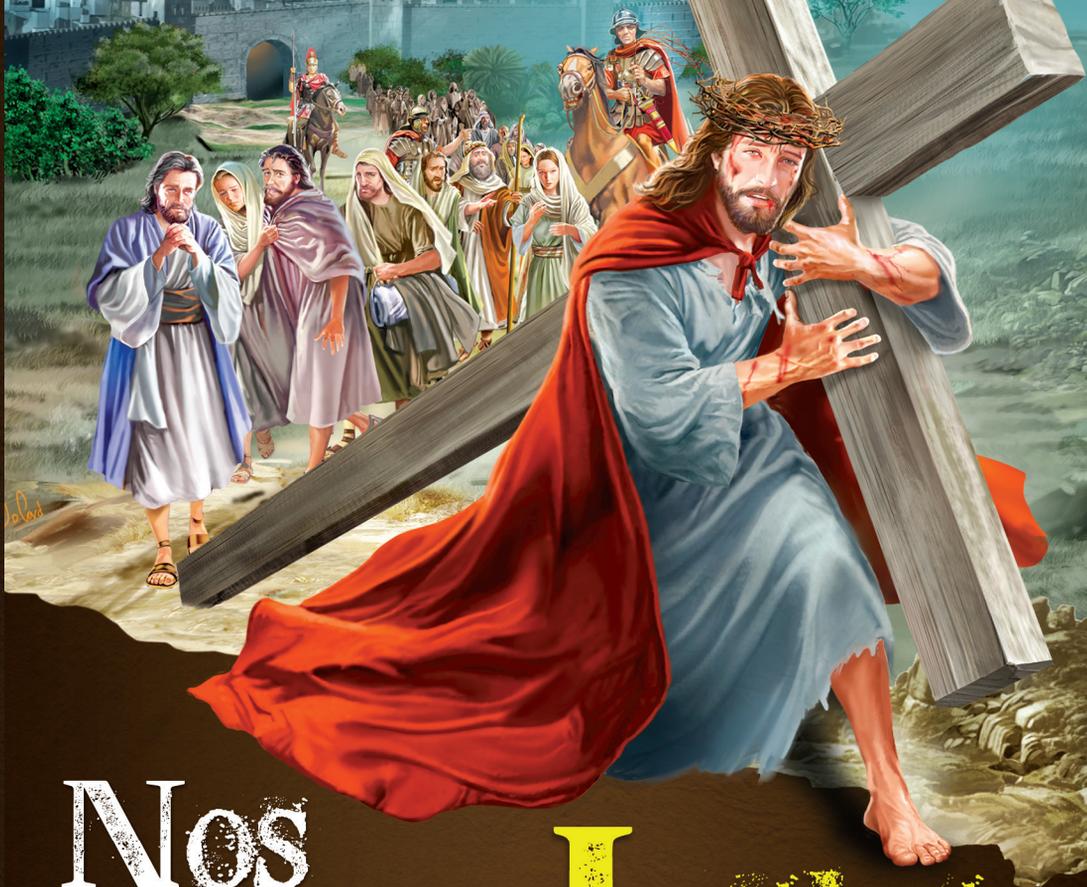




www.esperanca.com.br

Semana Santa 2014

Sermonário



Nos
passos de Jesus

Um caminho de esperança!

Sermonário

Nos passos de Jesus

Um caminho de esperança!

Semana Santa

2014



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

EXPEDIENTE

Temas: Bruno Raso - DSA

Coordenação geral: Pr. Everon Donato - DSA

Diagramação e arte: Victor Diego Trivelato

Pintura Original: Jocard

Direitos de tradução e publicação: Divisão Sul-Americana

Realização: Divisão Sul-Americana

SUMÁRIO

1. Passos de Fé	5
2. Passos de Humilhação	11
3. Passos de Comunhão	17
4. Passos de Justiça	23
5. Passos de Fidelidade	29
6. Passos de Renúncia	37
7. Passos de Silêncio	45
8. Passos de Vitória	53





••••• Domingo •••••

PASSOS DE FÉ

Texto Bíblico: Mateus 26:6-13

Objetivo do sermão: Perceber os passos de fé dados por Maria, resultantes da influência de Jesus, e tomar a decisão quanto a dar os mesmos passos.

INTRODUÇÃO

1. Quanto você estaria disposto a pagar por um perfume?
2. Você o daria de presente para alguém de quem se sente devedor?
3. Em Betânia, Jesus foi à casa de Simão, o leproso.
4. Notemos a atitude dessa mulher diante de Jesus.
5. Ao descobrirmos seus passos de fé, decidamos imitar-lhe o exemplo.
6. Leitura bíblica: Mateus 26:6-13.
7. Consideremos as expressões de Maria.

I. EXPRESSÃO DE AMOR

1. O episódio ocorreu na casa de Simão.
2. Simão era o fariseu a quem Jesus havia curado da terrível enfermidade da lepra.
3. Simão se considerava discípulo, pois havia se unido abertamente aos seguidores de Jesus, mas não estava totalmente convencido do Mestre e dos Seus ensinamentos.
4. Foi uma oportunidade para agradecer os serviços oferecidos.
5. A festa foi realizada em homenagem a Jesus.

6. Dentre os convidados, estavam Lázaro, como convidado especial, Marta, que estava servindo, e Maria de Madalena, a quem Simão induzira ao pecado e a quem Jesus havia livrado da possessão demoníaca.
7. Maria, a irmã de Marta e Lázaro, foi quem derramou o perfume de alabastro, de nardo puro, sobre o corpo de Jesus.
8. Essa recepção com um banho de perfume era costume da época e evidência de boas-vindas respeitosas e agradecidas.
9. Maria era a mesma que aprendera a se sentar aos pés de Jesus, a receber Suas instruções e a desenvolver sua fé ao ouvir a Palavra de Deus.
10. O valor estimativo do perfume era de mais de 300 denários. O salário de um dia do trabalhador comum era um denário; portanto, os 300 denários equivaliam ao salário de um ano do trabalhador, o suficiente para alimentar uma multidão de cinco mil pessoas.
11. Mateus e Marcos dizem que Maria ungiu a cabeça de Jesus, e Lucas e João dizem que ela ungiu-Lhe os pés. À primeira vista, pode parecer que há contradição, porém, não há razão para duvidar, visto que a forma de se assentar era reclinada. Portanto, ela pode ter-Lhe ungido tanto a cabeça quanto os pés. Cumprindo-se a profecia do Salmo 133:2.
12. Não foi apenas um ato de cortesia, mas também piedoso, visto que o custo do perfume indicava que ele fora comprado com muito sacrifício.
13. Foi também um ato incomum. O perfume foi derramado não apenas na cabeça, conforme o costume, mas também nos pés que ela secou com os cabelos. Uma mulher respeitável não soltava o cabelo em público. Ela fez o trabalho de uma serva.
14. Um ato de cortesia, de respeito, de sacrifício, de humildade somente é possível como expressão do verdadeiro amor.
15. Os discípulos ficaram indignados e exclamaram: Para que este desperdício?
16. Essa indignação evidenciou:
 - a. Falta de respeito para com Maria ao interpretar como desperdício seu ato de amor e de cortesia.
 - b. Falta de respeito para com o Mestre. Não deveriam ter falado em desperdício ao verem que Jesus admitia e aceitava esse ato como símbolo de amor da parte de uma pessoa amiga.

- c. Falta de respeito para com a verdade, porque não estavam interessados nos pobres, antes em si mesmos. Judas encabeçava as críticas, visto que o dinheiro da tesouraria estava em suas mãos. Queria o dinheiro para si, e não para os pobres.
17. “Pois este perfume podia ser vendido por muito dinheiro e dar-se aos pobres.” Os maus sempre encontram boas desculpas para seus maus pensamentos.
18. “Seu coração estava repleto de amor puro e santo. O sentimento de seu coração era: ‘Que darei ao Senhor por todos os Seus benefícios para comigo?’ Salmo 116:12. Aquele bálsamo precioso, como fora avaliado pelos discípulos, nada mais era que uma fraca expressão de seu amor por seu Mestre. Mas Cristo soube valorizar a dádiva como uma expressão de amor, e o coração de Maria se encheu de perfeita paz e felicidade” (*Cristo Triunfante*, p. 251).

II. EXPRESSÃO DE ENTREGA

1. “Por que molestais esta mulher?” (v. 10).
2. Jesus defendeu a mulher e reprovou Seus discípulos, pois percebera no ato da mulher não apenas fé, mas também a entrega total e confiante da vida.
3. “Ela praticou boa ação para comigo” (v. 10).
4. Ela realizou uma obra ímpar: “Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes” (v. 11).
5. Uma obra ímpar, ou seja, prioritária, assim como anteriormente escolhera estar aos pés de Jesus. Maria voltou a agir pelas prioridades e o Senhor que já a havia elogiado, voltou a destacar sua decisão.
6. Nada tinha maior valor para uma mulher judia do que levar perfume e derramá-lo para ungir a cabeça de alguém como a maior expressão de respeito e de gratidão.
7. Há certas coisas que podem ser feitas a qualquer momento. Porém, outras só podem ser feitas de uma vez, e não aproveitar a ocasião para realizá-las é perder a oportunidade para sempre.
8. Maria voltou a escolher a parte que ninguém lhe podia tirar.

9. “Maria amava a seu Senhor. Havia-lhe perdoado os pecados, que eram muitos, e ressuscitara dos mortos seu irmão mui amado, e ela entendia que nada era demasiado caro para conferir a Jesus. Quanto mais precioso fosse o unguento, melhor poderia ela exprimir a gratidão para com seu Salvador, dedicando-o a Ele” (*História da Redenção*, p. 208).

III. EXPRESSÃO DE COMPROMISSO

1. “[...] ela o fez para o meu sepultamento” (v. 12).
2. “Nem mesmo os mais chegados a Jesus compreendiam o que ocorreria na semana seguinte. Apenas Maria parecia vislumbrar, ainda que debilmente, o que reservava o futuro”.
3. Maria planejara empregar o perfume na preparação do corpo de Jesus para Sua sepultura, mas o Espírito de Deus a impressionou a usá-lo naquela ocasião e a não esperar. E isso ela fez.
4. “Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua” (v. 13). Em todo lugar onde o evangelho for pregado, sua história será lembrada. Isso indicava, claramente, que Jesus tinha a missão de alcançar o mundo com a mensagem do evangelho.
5. A fragrância de uma boa ação nunca se esvaece.
6. No final da vida, Jesus teve de enfrentar muita amargura, traição, intrigas e grande tragédia e essa história resplandece como um oásis de luz no mundo escuro.
7. A lembrança desse ato é um convite a cada pessoa, através dos séculos, para imitar-lhe o exemplo, o exemplo de alguém que soube seguir os passos de Jesus, em um caminho de esperança.
8. “O unguento de Maria foi a dádiva do amor, e isso lhe deu valor aos olhos de Cristo. [...] Jesus não receberia nenhuma outra unção, pois se aproximava o sábado e eles guardavam o sábado segundo o mandamento. ... O desejo que Maria tivera de realizar aquele serviço por seu Senhor foi de mais valor para Cristo do que todo o nardo e precioso unguento do mundo, porque expressava seu apreço pelo Redentor do mundo. Era o amor de Cristo que a constrangia” (*Cristo Triunfante*, p. 251).
9. “Maria, pelo poder do Espírito Santo, viu em Jesus Aquele que viera buscar e salvar as pessoas prestes a perecer. Cada um dos discípulos deveria ter sido inspirado com uma devoção semelhante” (*Cristo Triunfante*, p. 251).

CONCLUSÃO

1. Maria aprendeu aos pés de Jesus.
2. Enfrentou dificuldades, mas encontrou o caminho da esperança.
3. Sua vida foi uma expressão de amor, de entrega e de compromisso.
4. Sentiu e aceitou o amor, a entrega e o compromisso de Jesus para com ela.
5. Viu as pegadas de Jesus e decidiu dar esses passos de fé: amando, entregando-se e comprometendo-se com seu Salvador.

APELO

1. Paulo foi arrastado pelo inimigo para um caminho de desventura e desgraça. Era carpinteiro, mas se transformou no instrumento do mal, atuando como bruxo e curandeiro. Porém, o poder e o amor de Deus se manifestaram em sua vida. Suas filhas, Iulisa e Luz, de 12 e 11 anos, oraram e trabalharam por ele. Paulo não pôde resistir à influência do Espírito de Deus. Aceitou a Jesus como seu Libertador, Curador e Salvador. Queimou suas pedras, paus, espadas, poções, trajes, mesa de cura e, junto a essas duas filhas, mais uma terceira, e sua esposa, ele foi batizado, dando início a uma nova vida, e nos passos da fé transitou por um caminho de esperança.
2. Amigos, quando olhamos para Jesus, vemos para conosco a mesma dedicação que Ele teve com Paulo e com Maria e com todos os que o recebem.
3. Daremos a mesma resposta dada por Maria?
4. Estamos dispostos a amar, entregar nossa vida e nos comprometermos total e definitivamente a Ele?
5. Somente assim estaremos dando passos de fé.
6. Somente assim estaremos andando nos passos do Mestre.
7. Somente assim estaremos transitando no caminho da esperança.
8. Somente assim chegaremos ao final do caminho e viveremos com Jesus para sempre.
9. Estamos dispostos a dar esses passos de fé?
10. Oração.



Segunda-feira

PASSOS DE HUMILHAÇÃO

Texto Bíblico: João 13:1-17

Objetivo do sermão: Mostrar na atitude de Jesus os passos de humilhação que necessitamos seguir se quisermos alcançar a salvação e a eternidade.

INTRODUÇÃO

1. Transcorria janeiro de 1077. Henrique IV, com sua esposa e seu filho, ainda pequeno, empreenderam a travessia dos Alpes pela garganta do Monte Cenís, onde não havia um caminho traçado.
2. A descida foi terrível sob a neve e pelas geleiras. Ele teve que transportar a imperatriz e seu filho em um trenó, feito de couro de vaca, controlado pela força de seus braços e com cordas. Durante boa parte da descida, Henrique IV teve que engatinhar.
3. Durante quatro dias, ele usou trajes de penitente, com a cabeça descoberta e os pés descalços na neve, jejuando todo o dia e implorando a misericórdia e o perdão, até que foi perdoado.
4. Sofrimentos e sacrifícios. Será esse o caminho da humilhação que necessitamos para alcançar graça e salvação?

5. Se não for esse, devemos nos humilhar? Por quê? E perante quem?
6. Jesus nos mostra o único e indispensável caminho de humilhação.
7. Vejamos seus passos em João 13:1-17.

I. RECONHECER SEU IMENSO AMOR (1-2)

1. Na noite em que Jesus foi entregue, horas antes Ele compartilhou a ceia e ainda antes instituiu o rito do lava-pés, com uma mensagem de impacto para os discípulos e para todos nós.
2. O Senhor Jesus, “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”, ou seja, amou-os sem cessar e ao extremo que somente Seu amor pode chegar.
3. Esses “seus” eram os discípulos ali presentes que O haviam acompanhado, desde o início de Seu ministério, por todas as partes.
4. Ele sempre lhes mostrara ternura e havia suportado suas debilidades com toda a paciência.
5. Esse amor é também para todos os crentes de todos os tempos.
6. Amou aos Seus, ainda que não O tenham recebido.
7. Amou e ama aos que não O receberam e não O receberão, mas ainda são Seus.
8. São seus irmãos, seus filhos, sua família.
9. O amor de Cristo pelos Seus é tão forte que ninguém nem nada pode nos separar desse amor (Rm 8:35-39).
10. Uma forma clara e gráfica de mostrar esse amor foi lavar os pés dos discípulos.
11. Pouco antes, os discípulos haviam demonstrado a falta de amor que Lhe tinham ao murmurarem devido ao unguento que Maria derramara sobre Jesus, mas, a despeito disso, agora Jesus condescendia em lhes lavar os pés. Nossa ingratidão contrasta com a amabilidade do Senhor para conosco.
12. “E havendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. Achava-Se agora na sombra da cruz, e a dor torturava-Lhe o coração. Sabia que seria abandonado na hora de ser entregue. Sabia que, pelo mais humilhante processo a que se submetiam os criminosos, seria condenado à morte. Conhecia a ingratidão e crueldade daqueles a quem viera salvar. Sabia quão grande o sacrifício que devia fazer, e para quantos seria ele em vão. [...] O pensamento do

que Ele próprio deveria sofrer estava sempre relacionado com os discípulos em Seu espírito. Não pensava em Si mesmo. O cuidado por eles era o que predominava em Sua mente” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 643).

II. ACEITAR SUA HUMILDADE INIGUALÁVEL (3-5)

1. “sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, [...] levantou-se da ceia [...]” (v. 3, 4).
2. Jesus tinha toda autoridade, a Sua própria e a concedida pelo Pai.
3. Havia saído de Deus e a Deus recorria. Era o herdeiro de tudo.
4. Sabia quem Ele era, conhecia Seu reino presente e futuro. Levantou-Se da ceia, não para ser tratado como Rei, antes, para prestar o serviço dos escravos.
5. Lavar os pés era trabalho para os criados. Por isso, quando João Batista quis mostrar a superioridade do Senhor Jesus, disse que se sentia indigno de até mesmo desatar-Lhe as sandálias e lavar-Lhe os pés.
6. Nenhum dos discípulos se dispôs a realizar essa tarefa, pois estavam discutindo quem era o maior e não se rebaixariam ao papel dos servos.
7. Você já pensou em lavar a roupa ou as mãos dos rudes pescadores? E o que dizer de seus pés no meio de uma ceia?
8. “Tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela” (v. 4). “Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (v. 5).
9. A evidência máxima da humildade de Jesus foi lavar os pés de Judas, o maior dos pecadores, mesmo sabendo que ele O estava traindo.

III. ADMITIR NOSSA IMPUREZA (6-11)

1. “Aproximou-se, pois, de Simão Pedro” (v. 6), e pediu para lavar-lhe os pés, ao que Pedro respondeu: “Senhor, tu me lavas os pés a mim?” Note o contraste entre os pronomes “tu e mim”. Era como se estivesse dizendo: “Tu, nosso Senhor e Mestre, em quem temos crido e conhecido como Filho de Deus, queres lavar meus pés, um verme miserável da terra, a mim que sou pecador?”
2. Essas mãos que com um leve toque purificaram os leprosos, que deram vista aos cegos e que ressuscitaram os mortos, essas mãos vão lavar os meus pés?

3. Que o Senhor lavasse os seus pés era um paradoxo que ele não podia suportar.
4. “Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (v. 7).
5. Jesus pediu a Pedro para confiar e obedecer. Ainda que naquele momento ele não entendesse, depois ele compreenderia.
6. Quantas vezes temos de aceitar o que não entendemos, sabendo que a soberania de Deus está além da nossa limitada compreensão.
7. Deus sempre escreve direito, mesmo em linhas tortas. Devemos aceitar os métodos do Senhor.
8. “Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés” (v. 8).
9. As palavras são duras, rejeitando o oferecimento de Jesus.
10. Será que Pedro se considerava limpo? Será que não reconhecia sua impureza?
11. Jesus havia dito que agora ele não entenderia, mas depois sim. Mas Pedro disse: “Nunca, jamais”.
12. Jesus insistiu e acrescentou uma advertência: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo”. Ou seja: “Se eu não lavar-lhe os pés das impurezas do pecado, mediante Minha humilhação, você não pertencerá a mim, não terá parte na vida eterna”. Apenas os que são espiritualmente lavados por Jesus Cristo têm parte com Ele.
13. Então Pedro rogou ao Senhor que o lavasse não apenas parcialmente, mas que lhe desse um banho total: “Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça” (v. 9).
14. Naqueles dias, os convidados tomavam banho em casa e quando chegavam ao local da festa, apenas necessitavam que os pés suados e poeirentos fossem lavados.
15. Os que já se lavaram, ou seja, que receberam o evangelho não necessitam lavar todo o corpo, mas, sim, necessitam lavar os pés, porque todos os dias o Senhor renova a purificação se reconhecermos nossa sujidade.
16. “Recusando deixar Cristo lavar-lhe os pés, Pedro estava recusando a purificação superior incluída na mais humilde. Estava na verdade rejeitando seu Senhor. Não é humilhante para o Mestre permitirmos-Lhe que trabalhe para nossa purificação. A verdadeira humildade é receber com coração agradecido qualquer providência tomada em nosso favor, e prestar fervoroso serviço a Cristo” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 646).

17. “Às palavras: ‘Se Eu te não lavar, não tens parte comigo’, Pedro subjugou seu orgulho e vontade própria” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 646).
18. “Quando Jesus Se cingira com a toalha para lhes lavar o pó dos pés, desejava, por aquele mesmo ato, lavar-lhes do coração a discórdia, o ciúme e o orgulho. Isso era de muito mais importância que a lavagem de seus empoeirados pés. Com o espírito que então os animava, nenhum deles estava preparado para a comunhão com Cristo. Enquanto não fossem levados a um estado de humildade e amor, não estavam preparados para participar na ceia pascoal, ou tomar parte na cerimônia comemorativa que Cristo estava para instituir. Seu coração devia ser limpo. O orgulho e o interesse egoísta criaram dissensão e ódio, mas tudo isso lavou Cristo ao lavar-lhes os pés. Operou-se uma mudança de sentimentos. Olhando para eles, Jesus podia dizer: ‘Vós estais limpos.’ João 13:10. Agora havia união de coração, amor de um para com o outro. Tornaram-se humildes e dóceis. Com exceção de Judas, cada um estava disposto a conceder ao outro o mais alto lugar. Então, com coração submisso e grato, estavam aptos a receber as palavras de Cristo” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 646).
19. “Ora, vós estais limpos, mas não todos. Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos” (v. 10b, 11).
20. Por isso temos de perguntar a nós mesmos: “Acaso sou eu, Senhor”, aquele que, embora estando entre os limpos, não estou limpo?”

IV. PERMITIR SER PURIFICADOS (12-17)

1. “Compreendeis o que vos fiz?” (v. 12)
2. “Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou” (v. 13). Nosso Redentor e Salvador é também nosso Senhor e Mestre.
3. “[...] deveis lavar os pés uns dos outros” (v. 14).
4. Isso significa humildade que condescende. Cristo havia ensinado aos doze a lição da humildade, e eles a haviam esquecido; mas agora ensinava essa lição com um método tão gráfico que certamente não poderiam esquecer jamais.
5. Lavar os pés uns dos outros significa, acima de tudo, ajudar o irmão a purificar-se dos defeitos e dos pecados que, muitas vezes, nem ele mesmo vê e que lhe causam danos a si mesmo e aos outros.

6. Jesus Cristo interpõe Seu próprio exemplo para dar força ao mandamento que exige: “Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (v. 14). Ensina usando o melhor recurso, o exemplo: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (v. 15).
7. Vemos aqui a excelência da virtude da humildade, visto que Cristo tributou à humildade a maior honra possível ao Se humilhar. Quando vemos nosso Mestre servindo, como podemos nos atrever a querer ter o domínio?
8. “Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (v. 17).

CONCLUSÃO

1. “Como Pedro e seus irmãos, também nós fomos lavados no sangue de Cristo; todavia muitas vezes, pelo contato com o mal, a pureza do coração é maculada. Devemos chegar a Cristo em busca de Sua purificadora graça. Pedro recuou ante a ideia de pôr em contato com as mãos de Seu Senhor e Mestre os pés menos limpos; mas quantas vezes pomos nosso coração pecaminoso, poluído, em contato com o coração de Cristo! Quão ofensivo para Ele é nosso mau gênio, nossa vaidade e orgulho. Não obstante devemos levar-Lhe todas as nossas fraquezas e contaminação. Unicamente Ele nos pode lavar e deixar limpos. Não estamos preparados para a comunhão com Ele, a menos que sejamos limpos por Sua eficácia” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 648, 649).

APELO

1. Amigos e irmãos, é hora de reconhecer Seu amor imenso, de aceitar Sua inigualável humildade, de admitir nossa sujidade e de permitir ser limpos pela graça do Senhor.
2. Somente assim seguiremos nos passos do Mestre; somente assim a salvação será real para nós; somente assim transitaremos por um caminho de esperança, sonhando e preparando-nos para a eternidade.
3. Você deseja dar esse passo de humilhação?
4. Oração.



Terça-feira

PASSOS DE COMUNHÃO

Texto Bíblico: Mateus 26:36-46

Objetivo do sermão: Descobrir e seguir os passos de comunhão com o Pai, dados por Jesus, mesmo em meio a terrível angústia.

INTRODUÇÃO

1. No jardim chamado Getsêmani, que significa “prensa de azeitonas”, teve início a Paixão do Senhor. Ali Ele foi ferido e prensado em nosso favor.
2. “Em companhia dos discípulos, fez o Salvador vagorosamente o caminho para o jardim de Getsêmani. A Lua pascoal, clara e cheia, brilhava num céu sem nuvens. Silenciara a cidade de tendas de peregrinos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 685).
3. “Jesus estivera conversando animadamente com os discípulos, instruindo-os; mas ao aproximar-Se do Getsêmani, tornou-Se estranhamente mudo. Muitas vezes lá estivera, para meditar e orar; mas nunca com o coração tão cheio de tristeza como nessa noite de Sua última agonia” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 685).

4. Próximo à entrada do horto, Jesus deixou Seus discípulos rogando-lhes que orassem por Ele e por si mesmos. Retirou-Se com Pedro, Tiago e João para um lugar mais afastado.
5. “Muitas vezes passaram a noite ao Seu lado nesse retiro. Nessas ocasiões, depois de um período de vigília e oração, costumavam dormir imperturbados a pequena distância do Mestre, até que os despertava pela manhã, para irem novamente ao trabalho. Agora, porém, desejava que passassem a noite com Ele em oração” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 686).
6. No grande conflito com o mal, perto de levar sobre Si todos os pecados de todos os pecadores, enfrentando a maior angústia jamais enfrentada por alguém, manteve Seu vínculo de comunhão.
7. Descubramos e sigamos nos passos de Jesus, nos passos de comunhão.
8. Mateus 26:36-46.

I. EM COMUNHÃO COM O PAI

1. Intensidade
 - a. Em Sua agonia, orava mais intensamente. Quanto mais difícil a situação, mais quantidade e qualidade de tempo em comunhão. Paulo assim o expressou: “Orai sem cessar”. A oração, não como um acidente ou incidente, mas como um hábito permanente na vida.
2. Privacidade
 - b. “Adiantando-se um pouco,” Jesus Se retirou para orar. Estar a sós com Deus é o melhor que nos pode ocorrer. Em particular, em segredo, a sós com Deus, fortalecemos nossa comunhão com Ele.
 - c. Falamos com Ele e, no silêncio, ouvimos-Lhe a voz. Sentimos a Sua presença.
3. Humildade
 - a. “Prostrou-se sobre o seu rosto”. Indica reconhecimento, atitude de adoração. Reconhece a inferioridade e aceita a superioridade. E, se o Todo-Poderoso, o Criador do Universo agiu assim, quanto mais nós, como criaturas diante do Criador.

4. Confiança

- a. “Meu pai” – essa abordagem indica confiança. Na hora extrema, a quem o filho busca senão ao Pai? De todos os títulos atribuídos a Deus na Bíblia, esse é o que denota maior intimidade e confiança. O dono de todo o universo é nosso Pai.
- b. Paulo assim o expressa: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16).

5. Aceitação

- a. “Se possível, passe de mim este cálice!” Jesus não estava fazendo representação. O fardo era real, e o pedido foi evidente.
- b. “Se possível” está de acordo com os planos de Deus. Se houver alguma forma de afastar-Se e evitar o sofrimento, se, na soberania de Deus, isso for o melhor, então que possa ser evitado esse sorvo amargo.
- c. “Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres.” A aceitação absoluta da soberana vontade de Deus. Jesus apresenta Seu pedido, mas, ao mesmo tempo, declara absoluta aceitação da vontade divina.
- d. “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4:34). Esse foi o lema de Sua vida e não o modificou nem mesmo nas mais difíceis circunstâncias.

6. Perseverança

- a. Novamente, Ele Se afastou e orou pela segunda vez (v. 42) e depois pela terceira vez (v. 44).
- b. Perseverar na oração significa perseverar na confiança, na dependência, na comunhão com e na busca de Deus.
- c. “Três vezes proferiu essa oração. Três vezes recuou Sua humanidade do derradeiro, supremo sacrifício. Surge, porém, então, a história da raça humana diante do Redentor do mundo. Vê que os transgressores da lei, se deixados a si mesmos, têm de perecer. Vê o desamparo do homem. Vê o poder do pecado. As misérias e os ais do mundo condenado erguem-se ante Ele. Contempla-lhe a sorte iminente, e decide-Se. Salvará o homem custe o que custar de Sua parte. Aceita Seu batismo de sangue, para que, por meio dEle,

milhões de almas a perecer obtenham a vida eterna. Deixou as cortes celestiais, onde tudo é pureza, felicidade e glória para salvar a única ovelha perdida, o único mundo caído pela transgressão. E não Se desviará de Sua missão. Tornar-Se-á a propiciação de uma raça que quis pecar” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 692, 693).

7. Fortaleza

- a. “Foi confortado” (Lc 22:43).
- b. Não foi poupado de beber do cálice, mas foi fortalecido para enfrentá-lo.
- c. Nem sempre temos a resposta que queremos, mas sempre recebemos uma resposta.
- d. Devemos confiar que a provisão do Senhor é sempre a melhor.
- e. Pode ser que a oração não mude as circunstâncias, mas ela sempre nos transforma.
- f. “Os adormecidos discípulos foram subitamente despertados pela luz que circundava o Salvador. Viram o anjo inclinado sobre o prostrado Mestre. Viram-no erguer a cabeça do Salvador sobre seu seio, e apontar para o Céu. Ouviram-lhe a voz, qual música suave, proferindo palavras de conforto e esperança. [...]. Ele Se achava sob o cuidado de Deus; um poderoso anjo fora enviado para O proteger” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 694).

II. EM COMUNHÃO COM OS DISCÍPULOS

1. Interesse

- a. E, voltando para os discípulos, achou-os dormindo (v. 40, 43).
- b. Pedira-lhes que orassem, mas eles dormiram.
- c. Os inimigos estavam vigilantes para prendê-Lo (Mc 14:43); os discípulos não puderam velar com Ele e por Ele nem mesmo por uma hora.
- d. Porém, nem mesmo a terrível angústia O fez perder a amabilidade; foi até os discípulos porque Se preocupava com eles.
- e. Quem tem comunhão com o Pai também tem comunhão com Seus filhos.

2. Repreensão

- a. “[...] Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?” (v. 40). Repreendeu-os com brandura.
- b. Não lhes pediu para estarem dispostos a morrerem por Ele ou velarem por Ele durante toda a noite, mas apenas por uma hora e nem mesmo isso eles foram capazes de fazer.
- c. Essa repreensão amável é evidência de Seu amor e interesse de corrigi-los.

3. Conselho

- a. “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (v. 41).
- b. A oração é um refúgio contra a tentação.
- c. Aconselha-os a manterem uma vida vigilante e de oração.

4. Amor

- a. “[...] o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (v. 41).
- b. Jesus mesmo os desculpa, reconhecendo as debilidades próprias da pecaminosidade humana.
- c. Verso 43: “E, voltando, achou-os outra vez dormindo”.
- d. Quando veio a eles, pela terceira vez, parece que os deixou alarmados com a proximidade do perigo: “Ainda dormis e repousais!” (v. 45).
- e. “O Filho do Homem está sendo entregue nas mãos de pecadores” (v. 45). E novamente: “Eis que o traidor se aproxima” (v. 46).
- f. Cristo não foi pego de surpresa: “Levantai-vos, vamos!” Ele não disse: “Levantai-vos e fujamos do perigo”, mas, “Levantai-vos e vamos ao encontro do perigo”.
- g. Apenas a comunhão com Deus nos permite amar até mesmo os distraídos e indiferentes e, ao mesmo tempo, dar-nos a capacidade de enfrentar o perigo.

CONCLUSÃO

1. Contar uma experiência pessoal de como sua vida de oração e de comunhão com Deus significou vitórias e crescimento.

APELO

1. Ninguém venceu como Cristo venceu porque ninguém orou como Cristo orou.
2. Se quisermos percorrer o caminho da esperança que nos conduz à eternidade, temos que seguir os passos de comunhão dados pelo nosso Senhor.
3. Apenas os que oram intensamente, em particular, com humildade, com confiança e de maneira perseverante, buscando acima de tudo fazer a vontade de Deus, serão fortalecidos na luta diária e no último grande conflito.
4. E somente aqueles que crescem na comunhão com Deus podem crescer na comunhão com seus semelhantes, demonstrando interesse neles, reprimendo, aconselhando e amando acima de todas as coisas.
5. E somente os que crescem na comunhão com Deus e com os semelhantes; somente os que seguem nos passos do Senhor, nos passos da comunhão, percorrem o caminho da esperança.
6. Isso não é opção, é algo indispensável. Trata-se de nossa decisão de vida.
7. Você está disposto a isso?
8. Oração.



Quarta-feira

PASSOS DE JUSTIÇA

Texto Bíblico: Mateus 26:57-68

Objetivo do sermão: Mostrar a absoluta incapacidade da justiça humana e os alcances redentores da justiça divina.

INTRODUÇÃO

1. Não são poucos os que creem em nossos palácios de justiças, os quais, na verdade, são palácios de injustiça.
2. Vivemos em uma era na qual cada vez mais desconfiamos da justiça, porém, ao mesmo tempo, na era na qual mais necessitamos dela.
3. Sigamos caminhando com Jesus, nas Suas pegadas, para descobrir o contraste entre a justiça humana e a divina.
4. Para seguir avançando juntos no caminho da esperança.
5. Analisemos Mateus 26:57-68.

I. A JUSTIÇA HUMANA

1. Estavam reunidos os escribas e os anciãos (v. 57).
 - a. “Através do ribeiro de Cedrom, de hortos, olivais e das silenciosas ruas da cidade adormecida, levaram precipitadamente a Jesus. Passava de meia-noite, e os gritos de vaia da turba que O seguia,

irrompiam, agudos, no silêncio do espaço. O Salvador estava manietado e vigiado de perto, e movia-Se dolorosamente. Em ansiosa pressa, porém, marchavam com Ele os que O haviam prendido, rumo ao palácio de Anás, ex-sumo sacerdote” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 698).

- b. Os escribas, os principais mestres da lei e os anciãos estavam reunidos no palácio do sumo sacerdote Caifás.
 - c. Tamanho era o ódio que tinham por Jesus, que estavam reunidos fora de hora, abrigados pela noite e pela escuridão. Assim também eram escuros seus procedimentos e suas vidas.
 - d. A casa que devia ser o santuário, onde seriam defendidas a inocência e a justiça, se convertia, dessa forma, em trono de iniquidade.
2. Tramaram a prisão de Jesus.
- a. Os líderes religiosos, os estudiosos e os mestres das profecias, os que deviam ter guiado o povo a Deus e à Sua mensagem, tramaram em secreto a prisão e a morte de Jesus.
3. Condenaram-no antes de julgá-Lo.
- a. Jesus foi levado a Jerusalém pela porta das ovelhas, pois essa era a via de acesso à cidade, vindo do monte das Oliveiras. Ela tinha esse nome porque as ovelhas destinadas ao sacrifício eram levadas ao templo por essa porta.
 - b. O propósito desses líderes religiosos ficou patente.
 - c. Não agiam pautados pela justiça, antes pelos preconceitos e interesses de seu coração egoísta.
4. Seus discípulos foram testemunhas não comprometidas.
- a. Seguiam-no de longe, embora O amassem, mas tinham medo. Pensavam mais em si mesmos e em seu próprio bem-estar.
 - b. É a lei do “não se intrometa”, do “olhe para o outro lado” e da total falta de compromisso.
 - c. Pedro, entrando no pátio, assentou-se com os guardas perto de uma fogueira, não para silenciar o escárnio deles, nem para defender a justiça ou o Justo, mas para proteger a si mesmo.

- d. Pedro não queria perder o fim do filme. Seguia de longe, mais movido pela curiosidade de espectador do que por seu compromisso de discípulo.
5. Falsas acusações e provas falsas.
- “Procuravam algum testemunho falso contra Jesus” (v. 59).
 - Não era um julgamento limpo, objetivo ou justo. Buscavam incriminá-lo por “falar blasfêmias e atentar contra o reino”.
 - Ofereciam recompensas aos que apresentassem supostas provas.
 - “Duas acusações desejavam os sacerdotes manter. Se se pudesse provar que Jesus era blasfemo, seria condenado pelos judeus. Se culpado de sedição, isso garantiria a condenação por parte dos romanos. A segunda acusação procurou Anás estabelecer em primeiro lugar. Interrogou a Cristo quanto a Seus discípulos e Suas doutrinas, esperando que o Prisioneiro dissesse qualquer coisa que lhe fornecesse base para agir. Pensava tirar alguma declaração, provando que Ele estava procurando fundar uma sociedade secreta, com o intuito de estabelecer um novo reino. Então os sacerdotes O poderiam entregar aos romanos como perturbador da paz e cabeça de insurreição” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 699).
6. Falsas testemunhas
- “Apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas” (v. 60).
 - Entre tantas, houve duas que estavam de acordo nas provas ou evidências contra Jesus.
 - “Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias” (v. 61). Isso demonstrava que Ele era inimigo do templo e quem sabe que recurso estranho utilizaria para reconstruí-lo.
 - Ele havia dito: “**Destruí este santuário**” (Jo 2:19). E eles juraram que Ele havia dito: “**Posso destruir este templo**”, como que se tivesse a intenção de fazê-lo.
 - Ele havia dito: “**e em três dias o levantarei**”, expressão referida a um templo vivente (= **ressuscitarei**). Mas eles o acusaram de haver dito: “**em três dias o reedificarei**”, expressão mais aplicável a um templo material.

- f. Jesus fizera menção ao “templo de Seu corpo” (Jo 2:21), mas eles juraram que Ele Se referiu ao “santuário de Deus”, ou seja, o lugar santo.
- g. O sumo sacerdote, juiz do tribunal, levantou-se e disse: “Não respondes coisa alguma ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, guardava silêncio” (v. 62, 63).
- h. Jesus poderia haver respondido, mas permaneceu calado. O Juiz do universo foi julgado injustamente. Cumpria-se assim a profecia de Isaías quando disse que, como Cordeiro, seria levado sem abrir a Sua boca.
- i. **“Tu és o Cristo, o Filho de Deus?”** Ou seja, você alega ser o Filho de Deus? **“Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas”**. Era isso o que eles queriam ouvir: Ele mesmo proferir a “blasfêmia” de Se considerar o Filho de Deus.

II. A JUSTIÇA DIVINA

- 1. O Filho de Deus
 - a. Ele aceitou e Se declarou como o Filho de Deus. Isso significa o Grande Eu Sou. É a confissão de Sua identidade divina. Ele é o Criador, o Mantenedor do Universo.
- 2. O Filho do Homem
 - a. “Desde agora, vereis o Filho do Homem”. Não apenas era o Filho de Deus, o próprio Deus, em identidade e em essência, era também o Filho do homem, o Emanuel, ou seja, o Deus conosco, Aquele que Se encarnou na miséria do pecado, assumindo a queda e a natureza humana pecaminosa para pagar o custo da desobediência do pecado.
 - b. “Vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso” depois de consumir a salvação e de ser exaltado pelo Pai. Agora era réu, mas, em breve, estaria assentado no trono, como Rei.
- 3. “e vindo sobre as nuvens do céu.”
 - a. O Filho de Deus, o Filho do homem é o mesmo que voltará como Juiz para restaurar definitivamente Seu universo original e libertá-lo para todo o sempre do pecado e de suas consequências.

- b. Sua volta trará alegria para muitos e desespero para muitos mais.
4. “O sumo sacerdote rasgou as suas vestes” (v. 65).
 5. “As palavras de Cristo sobressaltaram o sumo sacerdote. A ideia de que haveria uma ressurreição de mortos, quando todos se achariam diante do tribunal de Deus, para ser recompensados segundo as suas obras, era um pensamento aterrador para Caifás. Ele não desejava crer que, no futuro, receberia sentença segundo as suas ações. Acudiram-lhe à mente, como um panorama, as cenas do juízo final. Por um momento viu o terrível espetáculo das sepulturas dando os seus mortos, com os segredos que eles esperavam estarem para sempre ocultos. Sentiu-se por um momento como à presença do eterno Juiz, cujo olhar, que vê todas as coisas, estava a ler-lhe a alma, trazendo à luz mistérios que supunha ocultos com os mortos.” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 708).
 6. “Blasfemou!” Jesus foi condenado por dizer que era o Filho de Deus, o Salvador e Aquele que voltaria como Juiz.
 7. “Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte.” Como se fosse pouco e considerando que tinham a última palavra, cuspiram em Jesus, e O esbofetearam, insultaram e até zombaram dEle, pedindo-lhe que, como profeta, adivinhasse quem Lhe batera.

CONCLUSÃO

1. “Cristo sofria vivamente sob maus-tratos e insultos. Nas mãos dos seres que criara, e pelos quais estava fazendo imenso sacrifício, recebeu toda espécie de opróbrios. E sofreu proporcionalmente à perfeição de Sua santidade e ao Seu ódio pelo pecado” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 700).
2. Os anjos do Céu poderiam ter vindo em auxílio do Salvador. Na verdade, em uma ocasião, obedecendo a uma ordem de Cristo, apenas um único anjo destruiu todo um exército assírio, com 185 mil soldados.
3. “Quão facilmente poderiam os anjos, que contemplavam a vergonhosa cena do julgamento de Cristo, haver demonstrado sua indignação consumindo os adversários de Deus! Mas não eram mandados fazer isso. Aquele que poderia haver condenado Seus inimigos à morte, sofreu-lhes a crueldade. O amor para com o Pai, Seu compromisso, assumido

desde a fundação do mundo, de tomar sobre Si o pecado, levaram-nO a suportar sem um queixume o rude tratamento daqueles que viera salvar. Era parte de Sua missão sofrer, em Sua humanidade, todos os motejos e abusos que sobre Ele fossem acumulados. A única esperança do homem residia nessa submissão de Cristo a tudo quando pudesse sofrer das mãos e do coração humano” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 700).

APELO

1. “Mais viva angústia, no entanto, dilacerou o coração de Jesus; o golpe que mais profunda dor Lhe infligiu, não o poderia vibrar mão alguma inimiga. Enquanto Ele suportava, perante Caifás, a farsa de um julgamento, fora negado por um dos discípulos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 710).
2. Amigos, cada um de nós deve tomar partido. De que lado nós estamos? Do lado da injusta justiça dos homens e de seus injustos procedimentos ou reconhecendo nossa pecaminosidade e aceitando a justiça divina como o único meio de salvação?
3. Podemos reconhecer e aceitar o Senhor como o Filho de Deus, como plenamente Deus e, ao mesmo tempo, como o Filho do Homem, plenamente homem? Podemos recebê-Lo como nosso Senhor, aceitando Seu domínio em nossa vida e, ao mesmo tempo, como nosso Salvador?
4. Podemos reconhecer que hoje Ele intercede por nós, mas que em breve voltará como Juiz, para recompensar a cada um conforme sua fé e suas obras?
5. Podemos aceitar que todos nós compareceremos diante do tribunal divino do justo juízo de Deus?
6. Amigos, não há motivos para temer o Juiz se O tivermos como nosso Advogado.
7. Somente nos passos do Mestre, apenas nos passos de Sua justiça, percorreremos este caminho de esperança.
8. Você está disposto a isso?
9. Oração.



Quinta-feira

PASSOS DE FIDELIDADE

Texto Bíblico: Mateus 27:11-26

Objetivo do sermão: Em contraste com a atitude covarde de Pilatos e a atitude soberba de Herodes, reconhecer a atitude fiel de Jesus e decidir seguir-Lhe os passos.

INTRODUÇÃO

1. Depois de condenar Jesus, o concílio do Sinédrio se dirigiu a Pilatos para que confirmasse e executasse a sentença.
2. Os funcionários judeus não queriam entrar no tribunal romano. De acordo com sua lei cerimonial, ficariam contaminados e não poderiam tomar parte na festa da Páscoa. Preocupavam-se com a cerimônia e ignoravam o personagem central da cerimônia. Que contradição.
3. “Não viam, em sua cegueira, que o ódio assassino lhes contaminava o coração. Não viam que Cristo era o verdadeiro cordeiro pascoal e que, uma vez que O rejeitaram, para eles perdera a grande festa sua significação” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 510).
4. Analisemos, em Mateus 27:11-26, a atitude de Pilatos, de Herodes e de Jesus

I. PILATOS, O COVARDE

1. Pilatos olhou para Jesus com olhos de pouco amigos. Ele fora tirado da cama às pressas. Queria resolver a questão o quanto antes.
2. Ficou impressionado com a presença, respostas ou silêncio de Jesus.
 - a. Pilatos havia lidado com muitos criminosos e delinquentes, mas nunca antes se deparara com um homem que transmitia tal paz e bondade.
 - b. “Não via em Seu semblante nenhum vestígio de culpa, nenhuma expressão de temor, nada de ousadia ou desafiadora atitude. Viu um homem de aspecto calmo e digno, cujo rosto não apresentava os estigmas do criminoso, mas o cunho do Céu” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 510).
 - c. “O aspecto de Cristo produziu favorável impressão em Pilatos. Foi despertado o lado melhor de sua natureza. Ouvira falar de Jesus e Suas obras. Sua esposa contara-lhe alguma coisa dos maravilhosos feitos realizados pelo Profeta galileu, que curara os doentes e ressuscitara os mortos. Agora, como se fora um sonho, isso se reavivou na memória de Pilatos. Recordou boatos que ouvira de várias fontes. Decidiu indagar dos judeus quais suas acusações contra o Preso” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 510).
3. “Não acreditou que o Preso houvesse conspirado contra o governo. Seu aspecto manso e humilde estava totalmente em desacordo com essa acusação. Pilatos convenceu-se de que se urdira artificioso trama contra um Inocente que embaraçava o caminho dos dignitários judeus. Voltando-se para Jesus perguntou: ‘Tu és o rei dos judeus?’ O Salvador respondeu: ‘Tu o dizes.’ Mc 15:2. E ao falar Ele, Sua fisionomia iluminou-se como se um raio de Sol sobre ela incidisse” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 512).
4. Os sacerdotes e principais pressionavam com atos de violência, mas Pilatos não viu motivos para condenar Jesus.
5. “**Não ouves quantas acusações te fazem?**” (v. 13). Pilatos pressiona Jesus para que afirme Sua inocência ou que reconheça Sua culpa.
6. O silêncio de Jesus deixa Pilatos admirado (v. 14), e ele não entende por que Ele não Se justifica.
7. O governador, para contentar os judeus, devia soltar um dos presos na festa da Páscoa (v. 15).

8. O preso competidor de Jesus foi Barrabás, um preso famoso (v. 16). Traição, homicídio e rebelião eram seus três delitos (Lc 13:19; Jo 18:40).
9. **A quem quereis que eu vos solte?** (v. 17). Pilatos estava certo de que a inocência de Jesus competindo com a maldade de Barrabás faria com que o primeiro fosse o vencedor.
10. Faltou-lhe caráter para exercer sua autoridade e supôs que por essa ambiguidade sairia vitorioso.
11. Pensamento típico dos que pretendem agradar aos homens antes que a Deus. Surpreso com o resultado da eleição, teve de perguntar:
12. **Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?** (v. 22). Em sua pergunta, pode-se notar que ele O reconhecia como Messias.
13. Pilatos viu que era a inveja contra Jesus que movia essa gente (v. 18). Não foi a culpa de Jesus, antes a Sua bondade, o que provocou Seu ajuizamento.
14. Enquanto Pilatos multiplicava esforços para soltar Jesus, uma mensagem enviada pela esposa confirmou seu pensamento: **“Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito”** (v. 19).
15. “Quando Seus próprios discípulos temiam apresentar-se em Sua defesa, Deus fez com que estrangeiros e inimigos falassem em Seu favor; enquanto Pedro O negava, Judas o confessava; enquanto os principais sacerdotes O declaravam réu de morte, Pilatos declarava não achar falta nEle; enquanto as mulheres que O amavam se mantinham à distância, a mulher de Pilatos, que O desconhecia, mostrava-se preocupada com Ele. Era um suave aviso para Pilatos: ‘Não te envolvas com esse justo.’” (M. Henry).
16. Os principais e os sacerdotes **“persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus”** (v. 20).
17. O povo fez sua escolha (v. 21). **Qual dos dois – disse Pilatos – vocês querem que eu solte?** Pensava que receberia a resposta desejada: soltar Jesus. Porém, para sua grande surpresa, disseram: “Solte Barrabás”.
18. Assombrado com a escolha que fizeram, ao pedir Barrabás, Pilatos lhes disse: **“Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Seja crucificado! Responderam todos”**. Essa forma de morte era considerada como a mais vergonhosa e assim esperavam que os discípulos de Jesus se envergonhassem dEle e que o movimento fracassasse.

19. Pilatos apresentou outra objeção: **“Que mal fez ele?”** (v. 23). Essa pergunta diz muito em honra ao Senhor Jesus quanto ao fato de que, mesmo tendo sofrido como um criminoso, nem o juiz nem os acusadores puderam apresentar provas de que Ele tivesse feito algo mau.
20. Vendo Pilatos que não estava conseguindo nada e que estava se formando um tumulto, lavou as mãos diante do povo; não porque julgava assim se purificar de qualquer culpa diante de Deus, mas para se justificar diante do povo.
21. Sou inocente do sangue desse justo. Que contradição! Ele condena um justo e se proclama inocente. Ainda, culpa o povo e os sacerdotes. Os sacerdotes culpam Judas: Problema seu! Agora Pilatos os culpava: Problema de vocês!
22. Pilatos lavou as mãos, mas não pôde lavar sua consciência.
23. “A despeito de suas precauções, porém, exatamente o que temia lhe sobreveio mais tarde. Tiraram-lhe as honras, apearam-no de seu alto posto e, aguilhoado pelo remorso e o orgulho ferido, pôs termo à própria vida não muito depois da crucificação de Cristo. Assim todos quantos transigem com o pecado só conseguirão tristeza e ruína. ‘Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte.’ Pv14:12” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 522).

II. HERODES, O SOBERBO

1. Quando Pilatos soube que Cristo era da Galileia, enviou-O ao governador dessa província, transferindo para Herodes a responsabilidade do juízo.
2. Herodes se alegrou ao ver Jesus, **“sobremaneira se alegrou, pois havia muito queria vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito; esperava também vê-lo fazer algum sinal”**. Era sua oportunidade de salvar a vida desse profeta, e sepultar para sempre a lembrança da cabeça ensanguentada que lhe levaram em um prato e assim ficar livre de sua culpa.
3. Herodes interrogou Cristo com muitas palavras, mas durante todo esse tempo o Salvador manteve profundo silêncio.
4. Foram trazidos inválidos e mutilados e foi ordenado a Cristo que provasse Seu poder, realizando um milagre. “Os homens dizem que Tu podes curar os enfermos”, disse Herodes. “Eu quero ver se a Tua fama não foi exagerada”.

5. “Se podes operar milagres por outros, faze-os agora para Teu próprio bem, e isso Te servirá para um bom desígnio. Outra vez ordenou: Mostra-nos um sinal de que possuis o poder que a fama Te tem atribuído. Mas Cristo era como alguém que não visse nem ouvisse. O Filho de Deus tomara sobre Si a natureza humana. Devia agir como o tem de fazer o homem em idênticas circunstâncias. Portanto, não operaria um milagre para Se poupar a Si mesmo à dor e à humilhação que o homem deve sofrer, quando colocado em condições semelhantes” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 514).
6. Os sacerdotes e governantes voltaram a insistir em suas acusações contra Ele: “É um traidor e blasfemo. Realiza milagre pelo poder de Belzebu, príncipe dos demônios”.
7. “A consciência de Herodes estava agora muito menos sensível do que quando tremera de horror ante o pedido de Herodias, para que lhe desse a cabeça de João Batista. Durante algum tempo sentira os agudos espinhos do remorso por seu terrível ato; mas suas percepções morais se tinham rebaixado mais e mais em razão de sua vida licenciosa. Tinha agora tão endurecido o coração, que podia mesmo gabar-se do castigo infligido a João por ousar reprová-lo. E ameaçou então a Jesus, declarando repentinamente que tinha poder para libertá-Lo e para condená-Lo. Nenhum indício da parte de Jesus dava, entretanto, a compreender que Ele ouvisse uma palavra” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 515).
8. Herodes muito se irritou com o silêncio de Jesus. Essa indiferença foi um atentado contra sua autoridade. Sua soberba não lhe permitia aceitar tal desconsideração, e, assim, sua ira e ameaças aumentaram.
9. “A missão de Cristo neste mundo não era satisfazer ociosas curiosidades. Veio para curar os quebrantados de coração. Pudesse Ele ter proferido qualquer palavra para sarar as feridas das almas enfermas de pecado, e não guardaria silêncio. Não tinha, no entanto, palavras para os que não faziam senão pisar a verdade com seus profanos pés” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 514).
10. Aquele olhar de Jesus que transmitia amor, compaixão e perdão ao pecador, nada tinha a oferecer a Herodes. Aquela boca, que havia pronunciado solenes e eternas verdades em suplicantes rogos aos pecadores, agora estava fechada diante do rei egoísta que não sentia qualquer necessidade de um Salvador.
11. “O rosto de Herodes se ensombrou de paixão. Voltando-se para a turba, acusou, encolerizado, a Jesus de impostor. E depois, para Ele: se não deres prova de Tua pretensão, entregar-Te-ei aos soldados e ao povo. Talvez sejam bem-sucedidos em Te fazer falar. Se és um impostor, a

morte por suas mãos é a única coisa que mereces; se és o Filho de Deus, salva-Te a Ti mesmo operando um milagre” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 516).

12. Herodes não se atreveu a ratificar a condenação de Cristo. Desejou também “lavar as mãos” e livrar-se da terrível responsabilidade ao mandar Jesus de volta ao tribunal romano.
13. Herodes terminou como terminam os soberbos, aplaudido e adulado não como mortal, mas “dali em diante o adorariam como a um deus [...] Estavam, porém, prontos a adorar como a um deus, o altivo rei, cujas esplêndidas vestes de prata e ouro cobriam um coração corrupto e cruel” (*Atos dos Apóstolos*, p. 83).
14. “Herodes sabia que não merecia nenhum dos louvores [...] todavia aceitou a idolatria [...]. Seu coração saltou de triunfo e um lampejo de orgulho satisfeito espalhou-se-lhe pelo rosto ao ouvir a aclamação: ‘Voz de deus, e não de homem.’” (*Atos dos Apóstolos*, p. 83).
15. “Subitamente, porém, sobreveio-lhe uma terrível mudança. Seu rosto se tornou pálido como a morte e contorcido pela agonia. Grandes gotas de suor lhe brotaram dos poros. [...] Aquele que exaltastes como um deus, está ferido de morte!” (*Atos dos Apóstolos*, p. 83).
16. “Sentia que, agora, Deus estava a tratar com ele, o implacável perseguidor. Não encontrou alívio para a dor do corpo nem para a angústia do espírito, e nem esperava encontrar” (*Atos dos Apóstolos*, p. 83). Herodes morreu em grande agonia mental e física, sob o justo castigo de Deus.
17. “Deus lançou o desprezo sobre o orgulho de Herodes, e sua pessoa, [...] era agora comida de bichos e se putrefazia ainda em vida” (*História da Redenção*, p. 299).

III. JESUS, O FIEL

1. **Submisso à vontade do Pai:** “Embora houvesse tomado sobre Si a natureza humana, era sustido por uma força divina, e não Se apartou num só ponto da vontade do Pai” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 519).
2. **Manifestava bondade e compaixão até mesmo para com seus verdugos:** “Ali estava o Filho de Deus, com as vestes da zombaria e a coroa de espinhos. Despido até à cintura, as costas mostravam-Lhe os longos e cruéis vergões, de onde corria o sangue abundantemente. Tinha o rosto manchado de sangue, e apresentava os sinais da exaustão e dor; [...] Cada traço exprimia brandura e resignação, e a mais terna piedade

para com os cruéis inimigos. Não havia em Sua atitude nenhuma fraqueza covarde, mas a resistência e dignidade da longanimidade. [...] Alguns dentre eles choravam. Ao olharem a Jesus, o coração encheu-se-lhes de simpatia. Mesmo os sacerdotes e principais convenceram-se de que Ele era tudo quanto dizia ser” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 520).

3. Disse Jesus: **“por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem”**. Ele estava responsabilizando Caifás que, como sumo sacerdote, conhecia os princípios que regiam as autoridades romanas, bem como as profecias que testificavam de Cristo e também seus ensinamentos e milagres. Eles tinham todo o conhecimento e, assim sendo, toda a responsabilidade.
4. **Tomou o lugar de Barrabás e o nosso**. Barrabás foi posto em liberdade para mostrar que Jesus foi condenado a fim de que nós pecadores possamos ser livres.
5. **Despojaram-no das vestes (v. 28)**. A vergonha da nudez passou a existir com o pecado (Gn 3:7). Sua nudez era ilustração de que estava levando sobre Si os pecados.
6. **Foi vestido com um manto escarlata**: Um manto velho, usado pelos soldados romanos, para imitar os mantos dos reis e dos imperadores; uma forma de zombar de Sua qualidade como rei.
7. **Foi coroado com uma coroa de espinhos (v. 29)**: Uma zombaria cruel, que não apenas é cômica, mas também sangrenta; era mais que uma simples grinalda, era um casco que cobria toda a cabeça. Os espinhos são símbolos de tribulação; isso é verdade porque o vocábulo “tribulação” vem do latim *tribulus*, que significa estrepe (o termo trilho procede da mesma raiz). A terra passou a produzir espinhos e cardos como maldição pelo pecado do homem (Gn 3:18). Cristo foi coroado com espinhos para mostrar que Seu reino não pertencia a este mundo; e quando Ele voltar para reinar, todos os elementos de tribulação serão desfeitos.
8. **Foi galardoado com um caniço em Sua mão direita**: No lugar do cetro real, colocaram-Lhe na mão direita, a mão do poder e da dignidade, um frágil caniço, coisa débil, flexível ao vento, que murcha e sem valor. Mas se equivocaram, porque Seu reino é firme e perpétuo.
9. **Escarneceram dEle**. “E, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus!” (v. 29). Dando prosseguimento à zombaria, os soldados imitam a homenagem de súditos devida a reis e imperadores, para ridicularizar o que eles consideravam como pretensões à realeza.

10. **Cuspiram nEle (v. 30).** Já haviam cometido esse abuso no átrio do sumo sacerdote (26:67). Ao prestar homenagem, os súditos beijavam a mão do soberano (Sl 2:12 “Beijai o Filho”). Porém, eles, ao invés de beijá-Lo, cuspiam-Lhe no rosto.
11. **Bateram em Sua cabeça com o caniço.** Com os golpes, faziam com que os espinhos penetrassem mais profundamente em Sua cabeça; com o sofrimento de Jesus aumentava o ritmo da zombaria dos soldados. Jesus passou por todas essas dores e vergonha para que nós tivéssemos a vida eterna, com gozo e glória eternos.

CONCLUSÃO

1. Pilatos, o covarde, e Herodes, o soberbo, terminaram como terminam todos os covardes e os soberbos.
2. Jesus, o Fiel, fiel aos princípios e à missão que viera cumprir, terminou sentado à destra de Deus Pai e como o Salvador de todos os pecadores que O aceitam e O recebem.

APELO

1. Qual é a nossa atitude: a de Pilatos, a de Herodes ou a de Jesus?
2. Há caminhos que parecem direitos, mas seu fim são caminhos de morte.
3. Somente quando aceitamos o amor fiel de Jesus, que morreu para que possamos viver; somente quando somos recíprocos a esse amor e amamos com a mesma fidelidade, estaremos andando nos passos de Jesus e, somente nesses passos, percorreremos o caminho da esperança.
4. Qual é a nossa decisão?
5. Oração.



Sexta-feira

PASSOS DE RENÚNCIA

Texto Bíblico: Mateus 27:27-56

Objetivo do sermão: Recordar a morte de Jesus como a maior demonstração de entrega e renúncia e imitar esses passos.

INTRODUÇÃO

1. Deus criou o ser humano para viver eternamente.
2. Infelizmente, o ser humano escolheu de forma caprichosa e voluntária recusar a vida de Deus e percorrer um caminho de pecado e de autodestruição.
3. Se Deus não levasse isso em consideração, onde estaria Sua justiça? Se permitisse ao ser humano pagar as consequências de seu pecado, onde estaria Seu amor?
4. “A justiça é o fundamento de Seu trono, e o fruto de Seu amor. Era o desígnio de Satanás divorciar a misericórdia da verdade e da justiça. Buscou provar que a justiça da lei divina é um inimigo da paz. Mas Cristo mostrou que, no plano divino, elas estão indissolivelmente unidas; uma não pode existir sem a outra. ‘A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram.’ Sl 85:10.” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 540).
5. Deus fez justiça e, ao mesmo tempo, manifestou Seu amor, dando uma nova oportunidade.

6. No maior ato de renúncia e entrega, Jesus morreu por nós e pagou um preço infinito por nosso resgate.
7. Analisemos juntos Mateus 27:27-56, vendo as evidências dessa renúncia.

I. SALVOU OS OUTROS E NÃO A SI MESMO

1. **“E, chegando ao lugar chamado Gólgota” (v. 33)**, situado nas proximidades de Jerusalém, onde os maiores criminosos eram sacrificados, pela justiça dos homens, Jesus foi sacrificado pela justiça de Deus.
2. **“O crucificaram” (v. 35)**. A crucifixão era a pena máxima por um crime. Qual foi o crime de Jesus? Carregar sobre Si todos os nossos pecados.
3. **“Deram-lhe a beber vinho com fel” (v. 34)**. Era costume dar aos condenados uma mistura de vinho e incenso, como um anestésico para aliviar a dor, mas foi acrescentado vinagre na bebida dada a Cristo para tornar mais amargo seu trago. Jesus apenas provou, mas não tomou. Queria estar consciente, desperto e concentrado em Sua missão.
4. **“Repartiram entre si as suas vestes, tirando a sorte” (v. 35; v. Sl 22:18)**. Ele foi desnudado e exposto à vergonha pública. Os pintores, piedosamente, taparam a impudica cena. Ele ficou nu para que nós pudéssemos ser vestidos com Seu manto de justiça e com Sua glória.
5. **“E, assentados ali, [os soldados] o guardavam” (v. 36)**. Uma forte guarda para evitar que Seu corpo fosse levado. Que ironia quando, na verdade, o que O prendeu à cruz não foram os pregos, mas Seu amor por nós. Eles testemunharam a admirável renúncia e entrega, a ponto de o centurião declarar: **“Verdadeiramente este era Filho de Deus” (v. 54)**.
6. **“Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação” (v. 37)**. Sobre a cabeça do condenado, colocavam uma placa que anunciava o crime cometido. O que escrever no caso de Jesus? **“ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.”** Não era um crime, porém a simples expressão da verdade. Pilatos, o juiz daquele tribunal, longe de acusar Cristo como criminoso, proclamou-O Rei, por três vezes, visto que o título fora escrito nas três grandes línguas do Império (Jo 19:20): em hebraico, o idioma da religião; em grego, a língua da cultura; e em latim, a língua do poder.

7. **“E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda” (v. 38).** Assim se cumpriu a profecia de Isaías 53:12: **“foi contado com os transgressores”**. Jesus, no meio, como se fosse o pior. Ele foi contado com os transgressores para que pudéssemos ser contados com os santos.
8. Onde estavam os que, na semana anterior, gritavam: Hosana, bendito... e batiam palmas aclamando-O Rei? Onde estavam os discípulos, testemunhas de tantos ensinamentos e milagres?
9. Jogavam-Lhe na cara que Ele que pretendia destruir o santuário (v. 40), que Se dizia ser Filho de Deus e diziam que descesse da cruz. Ele, porém, iria demonstrar que era o Filho de Deus, não por descer da cruz, mas por ressuscitar, deixando de seguir as sugestões do inimigo e cumprindo a vontade de Deus.
10. **“A si mesmo não pode salvar-se” (v. 42).** Insinuavam que ele não tinha poder para salvar a Si mesmo, quando, na verdade, Ele não queria Se salvar; renunciou a isso. Jesus poderia não ter vindo, poderia ter recusado o Getsêmani. Uma legião de anjos O poderia ter livrado. Ele não queria ser poupado, antes, queria nos salvar; queria morrer para que nós pudéssemos viver. Renunciou à tentação de descer da cruz, como O desafiavam, dizendo que se fizesse isso, então creriam. Não abandonou Seu posto do dever. Até os ladrões na cruz, que estavam ali devido a seus crimes, gritavam: **“Se Tu és o Cristo, salva-Te a Ti mesmo e a nós”**.
11. **“Cristo poderia haver descido da cruz. Mas foi porque Ele não Se salvou a Si mesmo que o pecador tem esperança de perdão e favor para com Deus” (O Desejado de Todas as Nações, p. 749).**

II. SENTIU A SEPARAÇÃO DO PAI

1. Jesus arriscou tudo, até a possibilidade da separação definitiva do Pai.
2. Evidência desse sentimento de desamparo: um eclipse do Sol, fora de época, milagroso, visto que ocorreu na lua cheia, quando isso é impossível pela física. O eclipse durou três horas (v. 45). Jesus, a Luz do mundo, em Sua primeira vinda, foi anunciado por uma estrela; em Sua morte, por um eclipse.
3. O coração de Jesus estava em trevas, separado da Luz e da presença do Pai, por causa dos nossos pecados. Enquanto a terra Lhe negava uma

gota de água, o Céu Lhe negava um raio de luz. E pensar que Ele veio para nos tirar do pecado e nos levar à maravilhosa luz do evangelho.

4. Por volta da hora nona, exatamente a hora em que se devia fazer a oração principal de cada dia, no templo (v. 46) (At 3:1) e na penumbra em que seguia a grande crise, Jesus brada: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Ele não pergunta **por quê**, mas, por que Me desamparas-te? Nunca houve angústia tão profunda na História da Humanidade.
5. Desamparo significa “abandonado, deixado, preso, sem saída nem escapatória”. O apóstolo Paulo disse da seguinte forma: “fui obediente até a morte e morte de cruz” (Filipenses 2:8).
6. “**Alta voz**” indicava a intensidade extrema de Sua dor e angústia.
7. Jesus, em meio de Seus sofrimentos, foi, por algum tempo, desamparado por Seu Pai. Esse é um profundo mistério. Sem cortar essa relação mútua e recíproca de amor, o Pai O desamparou: entregou-O nas mãos de Seus mais terríveis inimigos. Em Sua agonia no horto, um anjo apareceu para confortá-Lo, mas na cruz, nenhum anjo foi enviado do Céu para livrá-Lo, e, de igual forma, nenhum amigo da Terra surgiu para Lhe dar alívio.
8. Deus ocultou completamente Seu rosto dEle. Cristo estava sendo feito pecado ou maldição por nós (2Co 5:21; Gl 3:13). Jesus Cristo, em Sua natureza humana, não apenas foi vítima do pecado, não apenas pagou a pena pelo pecado, mas, sem ter culpa pessoal, visto que não conheceu o pecado, sofreu em Si o efeito direto e imediato da culpa: a morte espiritual, que consiste na ausência da comunhão com Deus. Deus, o Pai, O amava como Filho, mas O odiava como Substituto.
9. Essa experiência foi Sua maior angústia e a evidência máxima de Sua renúncia.
10. E como se tudo isso fosse pouco, zombaram até de Seu clamor: “**Ele chama por Elias**” (v. 47). “**Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo**” (v. 49). Isso queria dizer não Lhe prestar qualquer ajuda nem consolo; que Ele se acertasse com Elias.
11. “Não era o temor da morte que O oprimia. Nem a dor e a ignomínia da cruz Lhe causavam a inexprimível angústia. Cristo foi o príncipe dos sofredores; mas Seu sofrimento provinha do senso da malignidade do pecado, o conhecimento de que, mediante a familiaridade com o mal, o

homem se tornara cego à enormidade do mesmo” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 532).

12. “Sobre Cristo como nosso substituto e penhor, foi posta a iniquidade de nós todos. Foi contado como transgressor, a fim de que nos redimisse da condenação da lei. A culpa de todo descendente de Adão pesava-Lhe sobre a alma. A ira de Deus contra o pecado, a terrível manifestação de Seu desagrado por causa da iniquidade, encheram de consternação a alma de Seu Filho. Toda a Sua vida anunciara Cristo ao mundo caído as boas novas da misericórdia do Pai, de Seu amor cheio de perdão. A salvação para o maior pecador, fora Seu tema. Mas agora, com o terrível peso de culpas que carrega, não pode ver a face reconciliadora do Pai. O afastamento do semblante divino, do Salvador, nessa hora de suprema angústia, penetrou-Lhe o coração com uma dor que nunca poderá ser bem compreendida pelo homem. Tão grande era essa agonia, que Ele mal sentia a dor física” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 532).

III. PAGOU MEU RESGATE COM SUA VIDA

1. Jesus foi pregado na cruz entre a terceira e a sexta hora, ou seja, entre nove e meio-dia, e morreu pouco depois da hora nona, entre as três e quatro horas da tarde. Era o momento da oração principal do dia, a hora do sacrifício vespertino, quando o cordeiro pascal estava sendo morto. Ele foi o Cordeiro de Deus que tirou e pagou o pecado do mundo.
2. **“E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.”** Os demais seres mortais inclinam a cabeça como efeito da morte, mas Jesus a inclinou antes de morrer. Ninguém Lhe tirou a vida, Ele a depôs voluntariamente.
3. Aquele que viveu fazendo milagres, iria fazê-los também em Sua morte.
4. “Cristo não entregou Sua vida antes que realizasse a obra que viera fazer, e ao exalar o espírito, exclamou: ‘Está consumado.’ João 19:30. Ganhara a batalha. Sua destra e Seu santo braço Lhe alcançaram a vitória. Como Vencedor, firmou Sua bandeira nas alturas eternas. Que alegria entre os anjos! Todo o Céu triunfou na vitória do Salvador. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 537).

5. **“Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas.”** Esse véu, que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo, se rasgou, não de baixo para cima, como se fosse pelo poder humano, mas de cima para baixo, por uma mão invisível, por um poder sobrenatural. E isso ocorreu na hora do sacrifício, porque o sacrifício de Jesus pôs fim a todos os outros sacrifícios. O véu impedia o acesso à presença de Deus. A morte de Cristo retirou o véu, dando acesso livre e direto.
6. **“Tremeu a terra, fenderam-se as rochas.”** Até as pedras proclamaram a salvação trazida pelo Senhor.
7. **“Abriram-se os sepulcros” (v. 52).** A renúncia produziu seus primeiros frutos, a morte teve seu efeito, o poder do terremoto abriu as sepulturas e o poder de Deus devolveu a vida aos mortos.
8. Embora dos “Seus” apenas algumas mulheres estivessem observando, seguindo-O de longe, os gentios se acalmavam e os judeus se endureciam. Eles deram testemunho de que, na verdade, estavam diante de uma morte diferente, na verdade, estavam diante do Filho de Deus.

CONCLUSÃO

1. “Com dor e espanto contemplou o Céu a Cristo pendente da cruz, o sangue a correr-Lhe das fontes feridas, tendo na testa o sanguinolento suor. O sangue caía-Lhe, gota a gota, das mãos e dos pés, sobre a rocha perfurada para encaixar a cruz. As feridas abertas pelos cravos aumentavam ao peso que o corpo fazia sobre as mãos. Sua difícil respiração tornava-se mais rápida e profunda, à medida que Sua alma arquejava sob o fardo dos pecados do mundo. Todo o Céu se encheu de assombro quando, em meio de Seus terríveis sofrimentos, Cristo ergueu a oração: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.’ Lc 23:34. E, no entanto, ali estavam homens formados à imagem de Deus, unidos para esmagar a vida de Seu unigênito Filho. Que cena para o Universo celeste!” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 538).

APELO

1. “[...] sabiam que a destruição do pecado e de Satanás fora para sempre assegurada, que a redenção do homem era certa e que o Universo estava

para sempre a salvo. O próprio Cristo compreendeu plenamente os resultados do sacrifício feito no Calvário. [...] quando exclamou na cruz: 'Está consumado.' João 19:30" (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 542).

2. Jesus renunciou salvar a Si mesmo, renunciou permanecer ao lado do Pai e morreu por nós porque não queria viver sem nós; e assim comprou nossa salvação e destino eterno ao infinito preço de Seu sangue e de Sua vida.
3. Somente aceitando a entrega e a renúncia de Jesus, o caminho da esperança se abre para nós.
4. Você deseja aceitar essa renúncia e entrega como sua única esperança de salvação? Ele renunciou a tudo por mim e por você.
5. Estamos dispostos a também renunciar e arriscar tudo por Ele?
6. Oração.



Sábado

PASSOS EM SILÊNCIO

Texto Bíblico: Mateus 27:57-66

Objetivo do sermão: Descobrir e seguir as lições de vida transmitidas por Jesus no silêncio da tumba.

INTRODUÇÃO

1. Jesus estava guardado na tumba. Suas mãos já não acariciavam; Seus pés já não transitavam pelos caminhos poeirentos; Sua voz já não era ouvida, estava em silêncio, porém mesmo assim Ele deu passos.
2. Por um lado, Seus amigos cuidando com delicadeza de Seu corpo; por outro, os inimigos, zelosos de que não deixasse o local da tumba.
3. Naquele sábado, Jesus também pregou, não de um púlpito, mas na tumba. Ele deu passos que nós também podemos imitar.
4. O que Ele transmitiu mesmo mantendo silêncio? Quais foram esses passos?
5. Analisemos juntos Mateus 27:57-66.

I. PASSOS DE SIMPLICIDADE

1. Jesus foi sepultado para tornar mais certa Sua morte e mais gloriosa Sua ressurreição.

2. A sepultura indicava que Ele realmente estava morto. Pilatos não teria permitido o sepultamento sem se assegurar de que Ele estivesse morto.
3. Os apóstolos fugiram. As mulheres não estavam em condições de ocupar-se do funeral.
4. José de Arimateia entrou em cena. Ele tinha a disposição e os recursos para se encarregar do sepultamento do Senhor.
5. Ele se encarregou de tudo. **“Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que lho fosse entregue”** (v. 58).
6. “Nessa emergência, José de Arimateia e Nicodemos vieram em auxílio dos discípulos. Ambos eram membros do Sinédrio e tinham relações com Pilatos. Ambos ricos e influentes, decidiram que o corpo de Jesus teria sepultamento condigno” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 546).
7. Pilatos, sentindo-se culpado, estava predisposto a compensar sua injustiça. Aquele que não soube proteger-Lhe a vida, quis cuidar dEle na morte.
8. José de Arimateia era rico, influente, do alto escalão, membro do Sinédrio. Nada disso o impediu de se ocupar em baixar o corpo de Jesus da cruz. Envolveu-O em um lençol limpo.
9. Tudo foi emprestado na vida de Jesus: o lugar onde nasceu, a manjedoura no estábulo, os pães e os dois peixes que Ele multiplicou, o barco onde viajou e de onde pregou, a sala onde instituiu a Ceia do Senhor, a sepultura onde foi sepultado. Assim como em vida, na morte também manteve a simplicidade.
10. A tumba e a morte são o fim do pecador. Ainda que Ele não tivesse pecado próprio, levou os pecados de toda a humanidade sobre Si.
11. Aquele que não tinha pecados próprios também não teve sua própria tumba.
12. A tumba fora cavada na rocha, tendo apenas um lugar como entrada e saída. Não havia como escapar nem como roubar Seu corpo. A entrada estava fechada com uma pedra com o selo do governador e guardada por soldados e anjos.
13. Jesus era prisioneiro da tumba e da morte.

14. O cortejo também foi austero, poucos acompanhantes – apenas José de Arimateia, Nicodemos, Maria Madalena e a outra Maria.
15. Assim como em Sua vida, também em Sua morte, Jesus deu passos de simplicidade.

II. PASSOS DE FIDELIDADE

1. “Jesus descansou, afinal. Findara o longo dia de vergonha e tortura. Ao introduzirem os derradeiros raios do sol poente o dia do sábado, o Filho de Deus estava em repouso, no sepulcro de José. Concluída Sua obra, as mãos cruzadas em paz, descansava durante as sagradas horas do sábado” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 543).
2. “Jamais Cristo atraía a atenção do povo como quando jazia no túmulo. Como de costume, levaram os doentes e sofredores para os átrios do templo, indagando: Quem nos pode informar acerca de Jesus de Nazaré? [...] As mãos amigas de Jesus de Nazaré, que nunca se recusaram ao toque comunicador de cura ao repugnante leproso, achavam-se cruzadas sobre o próprio peito. Os lábios que lhes respondiam às petições com as confortadoras palavras: ‘Quero, sê limpo’ (Mt 8:3), estavam agora mudos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 548).
3. Quando Deus concluiu a obra da criação, descansou no sábado, não porque estivesse cansando, mas para dar exemplo. Ele abençoou e santificou, ou seja, separou-o para uso sagrado.
4. “Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gn 2:1-3).
5. Quando Deus decidiu fazer o registro em duas tábuas de pedra e dar os Dez Mandamentos, escritos por Seu dedo, Ele incluiu o sábado como dia de repouso e de adoração especial para Ele.
6. “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o SENHOR

os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êx 20:8-11).

7. Depois de bradar “está consumado”, depois do “em tuas mãos encomendo meu espírito”, morto na tumba, descansou no sábado, conforme o mandamento que Ele mesmo havia estabelecido e, ao mesmo tempo, Seus seguidores assim também agiram.
8. “Era o dia da preparação, e começava o sábado. As mulheres que tinham vindo da Galileia com Jesus, seguindo, viram o túmulo e como o corpo fora ali depositado. Então, se retiraram para preparar aromas e bálsamos. E, no sábado, descansaram, segundo o mandamento” (Lc 23:54-56).
9. Sim, mesmo no silêncio da tumba, Jesus deu passos de obediência e de fidelidade.
10. Por isso, quando todo o pecado tiver fim, cumprindo-se o propósito de resgate definitivo, poderemos adorar por toda a eternidade.
11. “Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de mim, diz o SENHOR, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome. E será que, de uma Festa da Lua Nova à outra e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR” (Is 66:22-23).
12. “No princípio, o Pai e o Filho repousaram no sábado após Sua obra de criação. Quando ‘os céus, e a Terra e todo o seu exército foram acabados’ (Gênesis 2:1), o Criador e todos os seres celestiais se regozijaram na contemplação da gloriosa cena. ‘As estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam.’ Jó 38:7. Agora Jesus descansava da obra de redenção; e se bem que houvesse dor entre os que O amavam na Terra, reinou contudo alegria no Céu. Gloriosa era aos olhos dos seres celestiais a perspectiva do futuro. Uma criação restaurada, a raça redimida que, havendo vencido o pecado, nunca mais poderia cair - eis o resultado visto por Deus e os anjos, da obra consumada por Cristo. Com esta cena se acha para sempre ligado o dia em que Jesus descansou. Pois Sua ‘obra é perfeita’ (Deuterônimo 32:4); e ‘tudo quanto Deus faz durará eternamente’. Eclesiastes 3:14. Quando se der a ‘restauração de todas as coisas, as quais Deus falou por boca dos Seus santos profetas, desde o princípio do mundo’ (Atos 3:21, Versão de Figueiredo), o sábado da criação, o dia em que Jesus esteve

em repouso no sepulcro de José, será ainda um dia de descanso e regozijo. O Céu e a Terra se unirão em louvor, quando, “desde um sábado até ao outro” (Is 66:23), as nações dos salvos se inclinarem em jubiloso culto a Deus e o Cordeiro” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 543).

III. PASSOS DE DECISÃO

1. José se transformara em seguidor secreto de Jesus. Não tinha coragem de confessá-Lo publicamente, mas sentia afeto pelo Senhor.
2. Foi a morte de Jesus que levou esse discípulo covarde e secreto de Jesus a se converter em um testemunho vivo e destemido.
3. A morte de Jesus impulsionou e apressou a decisão de José de Arimateia.
4. Muitos temiam a morte e mais ainda a ressurreição de Jesus e assim cuidavam para que o corpo de Cristo não fosse roubado para depois difundirem a mensagem de que havia ressuscitado.
5. José e Nicodemos não tinham esses temores. Confiavam na profecia.
6. “Nem José, nem Nicodemos haviam aceitado a Jesus como Salvador abertamente enquanto Ele vivia, mas tinham ouvido Seus ensinamentos e acompanharam bem de perto cada passo de Seu ministério. Embora os discípulos tivessem esquecido as palavras do Salvador acerca de Sua morte, José e Nicodemos lembravam-se muito bem delas. E as cenas ligadas com a morte de Jesus, que desanimaram os discípulos e abalaram sua fé, foram para esses líderes a prova incontestável de que Jesus era o Messias, levando-os a tomar uma posição firme ao Seu lado” (*Vida de Jesus*, p. 113).

CONCLUSÃO

1. Quiseram guardar a tumba, proteger-se do morto. De quem eles tinham medo? Dos discípulos? Era loucura ter medo dos pobres discípulos. Eles temiam a Deus? Era impossível ir contra o Todo-Poderoso.
2. O Jesus que havia pregado com Sua vida e Palavra, seguia pregando em Sua morte e em Seu silêncio.
3. Mesmo na tumba e no silêncio, Ele nos ensinou a dar passos de simplicidade, vivendo vida simples; passos de fidelidade, respeitando e

aceitando-Lhe a vontade para nossa vida; e passos de decisão, colocando-nos ao Seu lado e seguindo em Suas pegadas no caminho da esperança.

APELO

1. Cristo, o carpinteiro galileu.

Cristo, o carpinteiro galileu.

Não foi médico... mas curou todas as enfermidades.

Não foi advogado... mas explicou os princípios básicos da lei e lhe deu seu verdadeiro valor.

Não foi escritor... mas inspirou as obras máximas da literatura mundial.

Não foi poeta nem músico... mas é a alma de todo poema e de toda música da vida.

Não foi orador... mas é o intérprete de todos os corações.

Não foi literato... mas escreveu no Livro de todos os séculos, a mais bela das páginas.

Não foi artista... mas iluminou os gênios de todos os tempos.

Não foi estadista... mas fundou as instituições mais sólidas da sociedade.

Não foi general... mas conquistou milhares de almas de países inteiros.

Não foi inventor... mas inventou a fonte da felicidade perene.

Não foi descobridor... mas detectou os mundos encantados da imortalidade.

Cristo, o carpinteiro galileu.

Simples como uma criança... e profundo como um filósofo.

Diáfano como cristal... e misterioso como a noite.

Sublime como as excelsitudes de Deus... e Amigo dos míseros seres humanos.

Severo como um juiz... e carinhoso como uma mãe.

Terrível como a tempestade... aprazível como a luz solar.

Amigo de Madalenas contritas... e inimigo de impenitentes fariseus.

Humilde entre vivas e hosanas... sereno entre aclamações: que seja

morto e crucificado.

Cristo, o carpinteiro galileu.

Nós, seres mortais, Te amamos, porque Tu nos amaste.

Cremos em Ti... porque Tu és o caminho, a verdade e a vida.

Nós Te esperamos... porque Teu reino não é deste mundo.

Não podemos viver sem Ti... porque Tu nos sustentas a vida e a vida de nossa alma.

Não podemos lutar sem Ti... porque Tu és o sustento em nossas fraquezas e a vitória em nossas derrotas.

Não podemos sofrer sem Ti... porque Tu és o bálsamo em nossas feridas e a aurora de nossas noites.

Nada sabemos sem Ti... Intolerável é o nosso próprio eu... Contigo todo o difícil se torna fácil... porque Teu jugo é suave e leve o Teu fardo.

Somos infelizes sem Ti... porque nosso coração está inquieto até que descansa em Ti. Por Ti vivemos e por Ti queremos morrer... porque Tu és a ressurreição e a vida eterna.

Cristo... carpinteiro galileu.

Cristo... Filho de Deus.

Cristo... Rei imortal dos séculos. (Autor desconhecido)

2. Que esse Carpinteiro da Galileia seja também o Carpinteiro de sua vida.
3. Nada melhor e mais seguro que caminhar em Suas pegadas, pelo caminho da esperança.
4. Oração.



Domingo

PASSOS DE VITÓRIA

Texto Bíblico: Mateus 28:18-20

Objetivo do sermão: Reconhecer a vitória de Jesus e depender e lutar para que seja também a nossa vitória.

INTRODUÇÃO

1. “Cristo continuava prisioneiro em Seu estreito sepulcro. A grande pedra estava em seu lugar; intato, o selo romano; a guarda, de sentinela. Vigias invisíveis ali estavam também. Hostes de anjos maus se achavam reunidas em torno daquele lugar. Houvesse sido possível, e o príncipe das trevas, com seu exército de apóstatas, teria mantido para sempre fechado o túmulo que guardava o Filho de Deus. Uma hoste celeste, porém, circundava o sepulcro. Anjos magníficos em poder o guardavam, esperando o momento de saudar o Príncipe da Vida” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 552).
2. “Os soldados o veem removendo a pedra como se fora um seixo, e ouvem-no exclamar: Filho de Deus, ressurge! Teu Pai Te chama. Vêem Jesus sair do sepulcro, e ouvem-no proclamar sobre o túmulo aberto: ‘Eu sou a ressurreição e a vida.’ Ao ressurgir Ele em majestade e glória, a hoste angélica se prostra perante o Redentor, em adoração, saudando-O com hinos de louvor” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 552).

3. Depois de vencer o pecado na cruz e a morte na tumba, na conclusão do evangelho de Mateus, lemos o testamento de Jesus para a igreja. Sua declaração, Sua ordem e Sua promessa são garantia de vitória.
4. Analisemos Mateus 28:18-20.

I. UMA DECLARAÇÃO

1. **“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (v.18).**
2. Jesus tinha no céu toda a autoridade, visto que criara todas as coisas. Tudo foi feito por intermédio dEle e, por Ele, tudo subsiste.
3. Devido ao pecado, esse mundo passara para a propriedade do inimigo.
4. Por isso Jesus declara ter não apenas autoridade no Céu, visto que é o Criador, mas também na Terra, porque é o seu Redentor.
5. **É a primeira vez que Jesus faz essa afirmação e o faz depois de haver vencido o pecado na cruz e a morte na tumba.**
6. Sua declaração sucede à Sua vitória sobre o pecado e a morte.
7. “Quando Jesus foi posto no sepulcro, Satanás triunfou. Ousou esperar que o Salvador não retomaria novamente a vida. Reclamava o corpo do Senhor, e pôs sua guarda em torno do túmulo, procurando manter Cristo prisioneiro. Ficou furioso quando seus anjos fugiram diante do celeste mensageiro. Ao ver Cristo sair em triunfo compreendeu que seu reino chegaria a termo, e que ele devia morrer afinal” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 554).
8. “Aquele que vencera a morte, e a sepultura, saiu do túmulo com o passo do vencedor, por entre o cambaleio da terra, o fuzilar dos relâmpagos e o ribombar dos trovões” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 552).
9. “Ao morrer Jesus, tinham os soldados visto a Terra envolta em trevas ao meio-dia; ao ressurgir, porém, viram o resplendor dos anjos iluminar a noite, e ouviram os habitantes do Céu cantarem com grande alegria e triunfo: ‘Tu venceste Satanás e os poderes das trevas; Tu tragaste a morte na vitória’” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 553).

II. UMA ORDEM

1. **“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (v. 19, 20).**
2. Com toda autoridade no céu e na Terra, Jesus deu a ordem.
3. A ordem está no modo imperativo do verbo “fazei discípulos”, ou seja, levar as pessoas a serem discípulos ou seguidores de Jesus. O modo imperativo não era utilizado entre iguais. Era vocabulário exclusivo do rei.
4. Jesus, com toda autoridade no céu e na Terra, em sua qualidade de Rei, estabeleceu e ordenou a missão do discipulado até os confins da Terra.
5. Os outros três verbos são participios relacionados com o verbo central da oração: Ide (indo), ensinando a guardarem todas as coisas que Ele ordenou, batizando em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.
6. Quer dizer que a missão se resume na ação do discipulado e que o ir, o ensinar e o batizar são partes componentes e dependentes dessa missão.
7. Assim como Jesus foi enviado pelo Pai, Ele também nos envia e ordena com um dever missional. Cumprir essa missão é estender Sua vitória até os confins da Terra.

III. UMA PROMESSA

1. **“E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (v. 20).**
2. Quando sentimos nossa incapacidade e indignidade para cumprir a missão, Deus vem ao nosso encontro com essa maravilhosa promessa. Não estamos sós. Ele prometeu estar conosco todos os dias até a consumação do século.
3. Maravilhosa promessa que envolve todas as promessas da Bíblia.
4. Que nos permite ser mais que vencedores, por meio do sangue do Cordeiro.
5. A graça de Deus promete restaurar e recuperar para nós tudo o que o pecado nos tirou. Façamos um resumo.

- a. O pecado nos desnudou: “Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si” (Gn 3:7).

A graça nos concede vestiduras brancas: “O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos” (Ap 3:5).

- b. **O pecado nos afastou da presença de Deus:** “Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim” (Gn 3:8).

A graça nos assegura viver na presença de Deus: “Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome” (Ap 3:12).

- c. **O pecado nos lançou fora do Éden para ganharmos o pão:** “No suor do rosto comerás o teu pão [...]” (Gn 3:19).

A graça nos leva ao céu para comer o maná escondido: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe” (Ap 2:17).

- d. **O pecado nos devolve à terra:** “[...] até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3:19).

A graça nos conduz ao trono: “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono” (Ap 3:21).

- e. **O pecado nos conduz à morte:** “porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3:19).

A graça nos leva à vitória sobre a morte: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte” (Ap 2:11).

- f. **O pecado roubou o nosso domínio:** “O SENHOR Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavar a terra de que

fora tomado” (Gn 3:23).

A graça recupera nossa autoridade sobre todas as nações: “Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai” (Ap 2:26,27, 28).

- g. **O pecado nos privou da árvore da vida:** “E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3:24).

A graça restaura a árvore da vida: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus” (Ap 2:7).

CONCLUSÃO

1. “A voz que bradou da cruz: ‘Está consumado’ (João 19:30), foi ouvida entre os mortos. Penetrou as paredes dos sepulcros, ordenando aos que dormiam que despertassem. Assim será quando a voz de Cristo for ouvida do céu. Ela penetrará as sepulturas e abrirá os túmulos, e os mortos em Cristo ressurgirão. Na ressurreição do Salvador, algumas tumbas foram abertas, mas em Sua segunda vinda todos os queridos mortos Lhe ouvirão a voz, saindo para uma vida gloriosa, imortal. O mesmo poder que ressuscitou a Cristo dentre os mortos, erguerá Sua igreja, glorificando-a com Ele, acima de todos os principados, de todas as potestades, acima de todo nome que se nomeia, não somente neste mundo mas também no mundo por vir” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 556).
2. A vitória de Jesus sobre o pecado e a morte também pode ser a nossa.
3. Em breve, o pecado e todas as suas consequências terão fim para sempre. Os que descansam na promessa do Senhor ressuscitarão, e os vivos justos transformados verão e compartilharão de Sua glória.
4. Sigamos nos passos vitoriosos de Jesus para sermos herdeiros de Seu reino e compartilharmos com Ele a eternidade.
5. Somente nos passos de Jesus há um caminho de esperança, e somente nesse caminho de esperança há vida eterna.

6. “Oh! quão glorioso será vê-Lo e receber as boas-vindas como remidos Seus! Por muito tempo temos esperado; mas nossa esperança não deve diminuir. Se tão-somente pudermos ver o Rei em Sua formosura, seremos para sempre benditos. Tenho a sensação de que devesse exclamar alto: **‘Rumo ao lar!’**” (EF, p. 280).

APELO

1. Nas longínquas terras africanas, nasceu e cresceu K’naan, que no idioma nativo somali significa “viajante”. Ele cresceu em meio a guerras e fomes, deixando para trás histórias tristes de seus sofrimentos nos primeiros anos. Hoje ele é produtor, músico e poeta. Ele não mais sofre em sua terra natal, a Somália, pois vive nas seguras terras norte-americanas (Estados Unidos e Canadá), e seu maior êxito foi produzir o hino oficial da Copa do Mundo, na África do Sul, em 2010, intitulado “Waving Flag” (Bandeira ao Vento). O hino já foi adotado por muitos países como um hino de esperança.
2. Em sua mensagem, destacam-se as seguintes frases: Quando ficar mais velho, serei mais forte / Me chamarão de liberdade, como uma bandeira ao vento. / Nasci para um trono, mais forte que Roma. Aprendi dessas ruas, pode ser desolador / Não aceitar a derrota, a renúncia, o recuo / Batalhamos, lutando para comer / E nos perguntamos quando seremos livres / Então esperamos pacientemente esse dia fatídico / Ele não está tão longe, mas por agora nós dizemos / Quando eu ficar mais velho vou ser mais forte. [Extraído de www.vagalume.com.br/k-naan/wavin-flag-traducao.html, em 13/07/2013. Tradução.]
3. Queridos, como o K’naan, somos viajantes, sofrendo em um mundo arruinado devido à nossa própria e caprichosa escolha pelo pecado. Graças a Deus que Jesus ergueu, com Sua própria vida, a bandeira manchada com Seu sangue, pagando o preço de nossa redenção. Hoje, em meio às dificuldades, temos de levantar a bandeira da esperança para que em breve, quando a guerra e a pobreza tiverem fim, quando formos grandes e fortes, possamos flamejar definitivamente a bandeira da liberdade, do fim do pecado e desfrutar de uma vida nova e eterna. Não se aceitam derrotas, é impossível render-se. Lutando e brigando, logo chegaremos ao final da viagem, à Canaã prometida, nosso novo e definitivo lar, quando juntos cantaremos o hino oficial na inauguração do universo purificado, compartilhando do trono com Deus. Não se aceitam

derrotas. É impossível render-se. Lutemos e batalhemos porque esses dias não estão distantes.

4. “E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o caráter. [...] O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. DAquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.” (*O Grande Conflito*, p. 678).
5. Convido-os a tomarem a decisão por Jesus, pela igreja, pelo estudo da Bíblia, por nos prepararmos para o Céu; a tomarem a decisão pelo batismo.
6. Oração.

